

“EU SOU UMA MULHER”: AS IMPLICAÇÕES DAS CERTEZAS FULCRAIS SOBRE O FEMININO

“I’m a woman”: the implications of the hinges propositions about the feminine

Juliany Thainá Tôrres de Lira

Licencianda em Filosofia/UFPE e Pesquisadora PIBIC/Propesqi

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva Filho

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar se a proposição “eu sou uma mulher” é uma *hinge proposition*. Para isso, apresentaremos a definição das certezas fulcrais (também denominadas *de hinges propositions*), trazidas pelo filósofo Wittgenstein (DC, 1969), compreendidas como certezas tão óbvias que dificilmente são colocadas em dúvida e que moldam nossa “imagem de mundo”. Assim, a partir desse conceito, utilizaremos a análise feita pela Moyal-Sharrock (2015), que, ao ampliar o estudo sobre as *hinges*, trouxe as características necessárias de uma certeza fulcral. A partir dessa análise, tentaremos chegar a algum resultado, trazendo, também, o estudo contemporâneo do sujeito *mulher* para ser examinado. Para essa última parte, observaremos, então, algumas filósofas que contribuíram para o estudo de gênero e o sujeito *mulher*, como Simone de Beauvoir e Judith Butler. Amparando nesta seção, traremos também a teoria antiessencialista de Wittgenstein, que pode contribuir para a nossa discussão.

Palavras-chave: certezas fulcrais; mulher; Wittgenstein

ABSTRACT

The present research aims to analyze whether the proposition “I am a woman” is a hinge proposition. For this, we will present the definition of hinges propositions, brought by the philosopher Wittgenstein, understood as such obvious certainties that they are hardly doubted and that shape our “world image”. Thus, from this concept, we will use the analysis made by Moyal-Sharrock, which, by expanding the study on the hinges, brought the necessary characteristics of a core certainty. From this analysis, we will try to reach some result, also bringing the contemporary study of the subject woman to be examined. For this last part, we will then observe some philosophers who contributed to the study of gender and the woman, such as Simone de Beauvoir and Judith Butler. Supporting this section, we will also introduce Wittgenstein's anti-essentialist theory, which can contribute to our discussion.

Keywords: hinges propositions; woman; Wittgenstein

1 INTRODUÇÃO

Ludwig Wittgenstein (1889-1951), ao apresentar a diferenciação entre certeza e conhecimento, incentivou o desenvolvimento de um movimento capaz de

demonstrar que certezas óbvias (chamadas de fulcrais e/ou *hinges propositions*), que estão acima de qualquer dúvida ou suspeita, poderiam ser revisadas. Essas *hinges* como “eu tenho uma mão”, não implicaria, para o filósofo contemporâneo, necessariamente conhecimento, mesmo sendo capaz de moldar a funcionalidade dos elementos ao nosso redor e a nossa “imagem de mundo”.

Wittgenstein, em vida, não foi capaz de ver todos os frutos do seu trabalho, como essa presente pesquisa, que propõe, a princípio, a análise sobre as *hinges propositions*, a partir da interpretação de Moyal-Sharrock, para chegar ao entendimento de se a proposição “Eu sou uma mulher” é ou não uma certeza fulcral.

Esse desafio terá como objetivo geral examinar criticamente, por meio das produções *Da Certeza* e *A Certeza Fulcral de Wittgenstein*, de Wittgenstein e Moyal-Sharrock, respectivamente, o conceito das *hinge propositions* e seus requisitos, aplicando-os sobre a proposição “Eu sou uma mulher”, para se chegar a uma possível decisão de se ela é ou não uma certeza fulcral (*hinge*). Dessa forma, para alcançar um possível resultado, teremos como objetivos específicos: 1) apresentar as *hinges propositions* e os requisitos de fulcralidade estabelecidos por Moyal-Sharrock; 2) investigar brevemente a construção do sujeito *mulher* sob um viés histórico, social e cultural; e 3) Analisar a possibilidade da proposição “Eu sou uma mulher” ser uma *hinge*.

Assim, o trabalho será dividido em três subseções, sendo elas: i) a certeza fulcral de Wittgenstein; ii) as características necessárias de uma *hinge*; e iii) a proposição “Eu sou uma mulher” é uma *hinge*?

Na primeira subseção apresentaremos o conceito das certezas fulcrais, amparando-se na célebre obra *Da Certeza* (1969), de Wittgenstein. Na segunda parte, analisaremos os requisitos de uma *hinge*, apresentados pela Moyal-Sharrock (2015). Para tanto, observaremos esses critérios, aplicando-os na sentença “Eu sou uma mulher”, para ponderarmos se tais critérios abarcam a proposição. Importante frisar que todos os oito critérios não terão uma análise extensa e minuciosa, pois eles não serão o problema central do estudo, sendo utilizados aqui como ferramentas.

Entender as características de inefabilidade, indubitabilidade e não proposicionalidade das *hinges*, por exemplo, possibilitará compreender, em uma aplicação prática, se tais critérios contemplam a proposição “Eu sou uma mulher”. Nessa perspectiva, a realização desse estudo trará uma inovação para o campo da epistemologia, ao possibilitar, em certa medida, uma revisão epistêmica de uma

crença.

Por fim, a terceira subseção carregará a função de analisar o sujeito *mulher*, amparando-se nas filosofias social, política, de gênero e afins. Com esse estudo, será possível compreendermos que o conceito de *mulher* nunca foi permanente, acompanhando o desenvolvimento das ciências e da sociedade. Desta forma, notaremos que o próprio termo “conceito” não poderá ser utilizado como algo fixo e conclusivo. A mulher, de fato, principalmente desde o surgimento do movimento feminista, vem se redescobrimo e se reconstruindo.

Isto posto, a partir dessas discussões, tentaremos trazer alguma resolução para a pergunta central da pesquisa, a saber: “a proposição “Eu sou uma mulher” é uma *hinge*?”

Nessa perspectiva, enquanto fundamentação teórica, teremos, para as primeiras duas subseções, as obras centrais: *Da Certeza*, de Wittgenstein, e *A Certeza Fulcral de Wittgenstein*, de Moyal-Sharrock. Além disso, utilizaremos intérpretes relevantes que compõem a literatura secundária, a fim de obter um entendimento mais amplo sobre as *hinges propositions*, já que este é um dos conceitos fundamentais do nosso trabalho. Alguns destes autores são Fatturi (2003), Sousa (2013) e Venturinha (2019).

Indo de encontro com a terceira subseção, utilizaremos como obras centrais *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (1990), de Butler e *O Segundo Sexo* (1949), de Beauvoir. Ademais, também aproveitaremos trabalhos secundários, que ampliarão nosso estudo, sendo alguns deles: Jaggar e Bordo (1997), Figueiredo (2018) e Lobo (2019).

No mais, a presente pesquisa possui um aspecto exclusivamente teórico-conceitual e de análise bibliográfica, tendo como método o qualitativo com foco na investigação analítica.

2 AS CERTEZAS FULCRAIS E O SUJEITO MULHER

2.1 As Certezas Fulcrais

A obra *Da Certeza (Über Gewißheit)*, de Wittgenstein, postumamente publicada, foi escrita entre os anos de 1949 e 1951, a partir da discussão de alguns escritos de George Moore (1873-1958). Os textos *Em Defesa do Senso Comum*

(1925) e *Prova do Mundo Exterior* (1936) seriam os influenciadores da obra wittgensteiniana, nos quais Moore lista inúmeras proposições que seriam legítimos truísmos, com altos níveis de garantia e comprovação.

Assim, proposições como “Eu sou um ser humano”, “Existe um corpo que é meu” e “Aqui está uma mão” foram utilizadas por Moore, para tentar atestar sua teoria. Nessa perspectiva, o pensador tenta atacar os céticos e idealistas ao utilizar o prefixo “eu sei que” para atestar a veracidade do conhecimento.

No entanto, a simples afirmação “Eu sei que o mundo existe há muito tempo”, por exemplo, não parece ser suficiente. Isso é o que Wittgenstein apresenta, no *Da Certeza*, ao demonstrar sua insatisfação diante de Moore e dos céticos, por ambos confundirem certeza e conhecimento. Para o filósofo, conhecimento não implica certeza, bem como certeza não implica conhecimento. É a partir desse desacordo que Wittgenstein apresentará uma de suas principais contribuições, as certezas fulcrais, também chamadas de proposições-dobradiças (*hinge propositions*).

Dessa forma, as *hinges propositions* são apresentadas sob a forma de analogias, em especial, nos trechos §§340 a 343, no *Da Certeza*. Para tanto, Wittgenstein apresenta no parágrafo §340 a ideia de que algumas proposições possuem uma certeza lógica, ou seja, isentas de dúvida. Os exemplos que ele usa, como saber a cor do sangue humano e que todo ser humano possui sangue, são certezas incapazes de serem colocadas a prova.

Já o trecho §341 nos mostra o arremate de sua linha argumentativa do parágrafo anterior: para que façamos perguntas e tenhamos dúvidas sobre algum conhecimento, precisamos antes ter certas proposições que estão isentas de dúvida (como saber que todo ser humano tem sangue). É a partir dessas proposições fixas que nosso conhecimento e nossas dúvidas se moldam:

§341. Isto é, as *perguntas* que formulamos e as nossas *dúvidas* dependem do facto de certas proposições estarem isentas de dúvidas serem como que dobradiças em volta das quais as dúvidas giram. (WITTGENSTEIN, 1969, §341)

Seguindo esse raciocínio, Wittgenstein, nos parágrafos §§342-343, perfaz o entendimento de que, para se ter dúvidas, é preciso ter certezas fixas, isto é, dobradiças, que são o ponto fixo de uma porta. Nesse sentido, as certezas fulcrais se delineiam como certezas básicas, responsáveis por formar nossa imagem de mundo,

servindo para as nossas crenças, tanto as falsas quanto as verdadeiras justificadas, uma estrutura .

Com isso, a *hinge* “Existe um corpo que é meu”, por exemplo, deve permanecer fixa, para que possamos executar atividades, como falar e andar, pois, é a partir dessa proposição-dobradiça que ocorre a funcionalidade das coisas. Assim, sendo o próprio jogo da dúvida o pressuposto da certeza (WITTGENSTEIN, 1969, §115), a importância das *hinges* é percebida por servirem como parâmetros dos quais orientamos, avaliamos e revisamos nossas práticas. Essa função permite às proposições-dobradiças formarem a nossa imagem de mundo (WITTGENSTEIN, 1969, §95) e assegurar nossos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1969, §403).

Isto posto, Moyal-Sharrock, filósofa e professora da Universidade de Hertfordshire, entende que as *hinges* são não epistêmicas (não são conhecimento, pois o *saber (de) algo* pode ser colocado em dúvida, enquanto as certezas fulcrais são indubitáveis), e não proposicionais (não são possíveis de serem proferidas, sendo apenas *mostradas* em nossas ações), denominando-as como certezas fulcrais, expressão que também utilizaremos aqui.

Dessa forma, para ela, o problema de Wittgenstein estaria em torno de tais formulações serem consideradas crenças básicas, mas delas saírem uma “certeza subjacente ao nosso conhecimento como sendo ela mesma um conhecimento” (MOYAL-SHARROCK, 2015, p. 6). Em outros termos, dessas tais assertivas serem consideradas asserções epistêmicas, sem serem, de fato, epistêmicas.

[...] a mensagem do *Da Certeza* é precisamente a de que o conhecimento não tem de estar na base do conhecimento. Para Wittgenstein, o conhecimento subjacente não é constituído por proposições justificadas previamente, passíveis de justificação explícita sob demanda, mas, como veremos, por certezas não proposicionais – certezas ‘em ação’ – as quais podem ser verbalmente proferidas para fins heurísticos e cuja análise conceitual revela a sua função de regra injustificável da gramática. (MOYAL-SHARROCK, 2015, p. 7)

Nestes termos, para Moyal-Sharrock, as *hinges* se mostram impassíveis de erro e dúvida, pois não são conhecimento, e não são proposicionais, porque precisariam ser passíveis de verdade ou falsidade, o que não seria possível, pois são inefáveis (MOYAL-SHARROCK, 2015, p. 17).

Sendo assim, Moyal-Sharrock, em sua análise sobre as *hinges*, elaborou, para um exame mais apurado, alguns requisitos que, em sua visão, uma proposição-

dobradiça precisa apresentar. Sendo eles:

- 1) *Não epistêmicas*: elas não são cognoscíveis [known];
- 2) *Indubitáveis*: dúvida e erro são *logicamente* sem sentido no que lhes diz respeito;
- 3) *Não empíricas*: elas não são conclusões derivadas da experiência;
- 4) *Gramaticais*: elas são regras de gramática;
- 5) *Não proposicionais*: elas não são proposições;
- 6) *Inefáveis*: elas são, *qua* certezas, inefáveis;
- 7) *Exibidas na ação* [enacted]: elas podem apenas ser *mostradas naquilo* que dizemos e fazemos;
- 8) *Fundacionais*: elas são o fundamento infundado do pensamento e da ação. (MOYAL-SHARROCK, 2015, p. 8).

Isto posto, a subseção adiante terá o objetivo de tecer algumas considerações sobre cada uma das características elencadas pela Moyal-Sharrock, com a finalidade de nos direcionar a endossar ou refutar se a assertiva “Eu sou uma mulher” é ou não uma proposição-dobradiça.

Com isso, o foco dessa pesquisa não se limitará apenas ao exame das *hinge propositions*. Tendo a ciência de que as certezas fulcrais são certezas fixas, essa pesquisa se colocará a pensar no papel da mulher através dos tempos, e se a proposição “Eu sou uma mulher” possui a natureza de dobradiça.

2.2 As características necessárias de uma *hinge*

Por ser um breve estudo, nos deteremos em uma análise resumida e objetiva sobre *A Certeza Fulcral de Wittgenstein*, da Moyal-Sharrock. Para tanto, a autora, ao estabelecer sob o seu crivo as oito categorias necessárias de uma *hinge*, possibilitou analisar a presença ou não de fulcralidade nas proposições. Diante disso, mesmo não sendo a única pesquisadora a apresentar os requisitos de uma certeza fulcral, é a que melhor se adequa no presente estudo.

Isto posto, a categoria *não epistêmica*, segundo Moyal-Sharrock, seria “averiguada pela ausência lógica de justificação e de verificação no que se refere à confiança que nelas depositamos” (MOYAL-SHARROCK, p. 7, 2015). Em outras palavras, as certezas fulcrais seriam *não epistêmicas*, pois “certeza” e “conhecimento” estão em categorias diferentes, e as nossas crenças básicas não são elas mesmas um conhecimento.

Essa distinção, apresentada por Wittgenstein no parágrafo 308, nos mostra que o *conhecimento* não está isento de dúvidas, uma vez que, por ser uma crença verdadeira justificada, pode ser falha, posta em dúvida e revisável, ao passo que uma

certeza não pode estar acompanhada de dúvidas, por ser responsável por criar nossa imagem de mundo e moldar as nossas ações.

Essa *indubitabilidade* da certeza é a segunda característica trazida por Moyal-Sharrock, e apresenta a impossibilidade de se equivocar quanto a compreensão das palavras e da linguagem utilizada:

Não pode haver, para Wittgenstein, contexto algum no qual nossas certezas fulcrais possam ser postas em dúvida ou justificadas, já que a sua indubitabilidade é conceitual, e não contextual. Não se trata de uma dobradiça que pode ser posta em dúvida em alguns contextos e não em outros; mas uma dobradiça nunca pode ser posta em dúvida, enquanto o *Doppelgänger* de uma dobradiça o pode. (MOYAL-SHARROCK, p. 9, 2015)

Nesse trecho, a filósofa reforça que as certezas fulcrais são isentas de dúvidas em sua totalidade. Não há a possibilidade de uma certeza ser colocada a prova em determinados contextos ou em parte de seu conceito. Contudo, Moyal-Sharrock nos atenta para certas proposições que parecem ter propriedade ou comportamento de uma *hinge*, mas que não são:

O *Doppelgänger* de uma dobradiça é uma sentença que parece idêntica ou similar àquela que expressa uma dobradiça, mas que é usada em um contexto no qual ela funciona como uma proposição empírica ou epistêmica. Por exemplo, a sentença: 'Há outros seres humanos além de mim' pode ser uma proposição descritiva (e portanto aberta à dúvida) quando endereçada a um marciano em um filme de ficção científica; ao passo que *qua* dobradiça, ela nunca pode ser posta em dúvida – seja no estudo filosófico ou não. (MOYAL-SHARROCK, p. 9, 2015)

Fica claro com o exposto que uma *hinge* não pode ser eivada de dúvida nem ser ilógica, não sendo passíveis de confirmação ou falsificação. A terceira característica, *não empíricas*, afirmam que as *hinges* não resultam da indução, não sendo a experiência o fundamento para o nosso jogo de julgar (WITTGENSTEIN, DC 131, 1969). Contudo, a experiência não estaria de todo afastada: o seu sucesso recorrente, quando não inferencial nem indutivo, contribui para a nossa certeza. Dessa forma, as nossas *hinges* seriam reforçadas por meio do condicionamento, ou seja, a experiência seria como uma *causa e/ou condição* e não um *fundamento*.

A quarta característica, enfatiza que as proposições-dobradiças são gramaticais. Com isso, mesmo possuindo forma de proposições empíricas, são na verdade regras da gramática, uma vez que “estar certo significa, aqui, *estar inabalavelmente* [...] *situado* sobre algo que nos *permite* pensar, falar ou agir

significativamente” (MOYAL-SHARROCK, p. 15, 2015) (grifos da autora), sendo este *algo* trazido pela autora a própria gramática.

Tal característica nos leva à próxima, a *não-proposicionalidade*: segundo Moyal-Sharrock, para Wittgenstein, uma regra gramatical não pode ser verdadeira nem falsa, ao passo que uma proposição precisa ser necessariamente passível de verdade ou falsidade.

Essa incongruência termina por nos mostrar que as dobradiças são logicamente inefáveis, ou seja, elas não podem ser ditas significativamente, por não serem proposições, mas podem mostrar-se (MOYAL-SHARROCK, p. 18, 2015). Nesse ínterim, a *inefabildade*, sexto requisito, nos mostra que tentar articular uma certeza não resulta em manifestação dessa certeza.

Isto é porque uma regra gramatical é sem sentido (ela não tem sentido; ela determina o sentido), e tentar articulá-la no jogo de linguagem simplesmente solidifica o jogo. Algo que é percebido como esquisito (DC 553); incompreensível (DC 347); uma piada (DC 463); um sinal de loucura (DC 467).
Proferir uma dobradiça no fluxo do discurso ordinário é proferir um contrassenso; é proferir uma regra onde nenhuma lembrança de uma regra é necessária. MOYAL-SHARROCK, p. 18, 2015)

A inefabilidade, portanto, reforça que nossas certezas fulcrais são incapazes de serem explicadas, descritas e/ou proferidas com palavras. Como exemplo, podemos trazer o utilizado pelo Wittgenstein no *Da Certeza*. Um silvicultor diz aos seus homens: “Esta árvore tem de ser cortada”, sendo apenas uma afirmação informativa. Nesse caso, se ele em seguida profere, apontando para a árvore a ser cortada: “Isto é uma árvore”, o jogo da linguagem é imediatamente congelado, pois a sua manifestação não faz qualquer sentido, deixando os homens perplexos e confusos.

Isto posto, Moyal-Sharrock faz as seguintes ponderações:

A certeza básica é um tipo de confiança animal, não proposicional e inarticulada em certas coisas: ‘Quero considerar aqui o ser humano como animal: como um ser primitivo, ao qual se atribui instinto, mas não raciocínio’ (DC 475). [...] Nossa certeza básica é inteiramente animal. Podemos verbalizá-la, mas a verbalização de uma certeza básica nunca é uma ocorrência de certeza básica. Ela manifesta-se exclusivamente na ação. Ela é uma lógica em ação. (MOYAL-SHARROCK, p. 18, 2015)

Com isso, uma certeza fulcral não deve ser proferida, tendo que ser mostrada na ação. Destarte, ao trazer um caráter animalesco, ou ainda, instintivo, Moyal-

Sharrock reforça que nossas *hinges* estão em nossas ações mais básicas, inatas e simples, como saber que todo ser humano precisa respirar para estar vivo.

A inefabilidade nos leva à próxima característica, uma *hinge* é exibida na ação, ou seja, uma vez que não podemos verbalizá-la, podemos apenas mostrá-la *naquilo* que dizemos e fazemos. A certeza fulcral é exibida na ação que se apresenta a partir da funcionalidade normal e básica das coisas e do mundo.

Por fim, o último requisito expõe o fundacionismo wittgensteiniano, que diverge do tradicional, ao nos mostrar que nossas certezas básicas não são a construção, a base do conhecimento, mas a *armação* que torna essa construção possível. As crenças básicas são as dobradiças de uma porta, que a faz se mover.

Como vimos, são muitos os requisitos que uma *hinge* necessariamente precisa ter. Algumas dessas características não são aceitas por outros estudiosos do Wittgenstein.

No entanto, o presente estudo não se propõe a analisar de forma mais detalhada tais características, devido à complexidade exigida, incompatível com a brevidade desse artigo. Com isso, seguiremos para a parte final dessa seção, analisando o sujeito *mulher* e sua possível implicação para as certezas fulcrais.

2.3 “Eu sou uma mulher” é uma *hinge*?

O conceito de *mulher* nunca foi permanente, tendo, principalmente, nos últimos séculos, acompanhado o desenvolvimento das ciências e da sociedade. Desta forma, percebemos que o próprio termo “*conceito* não deve ser aqui empregado, por trazer um caráter fixo e conclusivo. A mulher, de fato, principalmente desde o surgimento do movimento feminista, vem se redescobrimo e se reconstruindo.

A observância dessa construção de nova imagem da mulher é fundamental para corroborarmos com a filosofia wittgensteiniana de que certeza e conhecimento são coisas distintas. Do mesmo modo, constatarmos que a *mulher*, embora seja uma entidade permanente, visto que, enquanto ser pensante e humano, sempre foi personagem constante na história da humanidade, teve inúmeras mudanças na sua função social, política e cultural.

Endossando a problemática deste estudo, Lobo (2019, p. 26) nos mostra que “a teoria feminista foi capaz de eficazmente pôr em questão aquilo que tradicionalmente tomamos por garantido”. De fato, a mulher cumpria certas funções sociais que pareciam, até certo tempo, estabelecidas e determinadas. A iniciativa em

compreender as relações de poder e os papéis sociais desempenhados pela mulher e pelo homem, possibilitaram revisar tais funções, ainda que nos âmbitos cultural, político e social. Isto posto, nesta pesquisa apresentamos a oportunidade de revisar tais funções também no campo epistêmico.

A filósofa Judith Butler (1956-), uma das principais pensadoras na atualidade, traz justamente a teoria queer e a sua obra *Problemas de gênero* (1990), como basilares para tratar a problemática do gênero, objetivando abrir caminho para uma “construção variável da identidade” (BUTLER, 2010, p. 23).

A rejeição do caráter essencialista da *mulher* retorna, então, ao problema desse estudo. Problema esse que se estabelece ao utilizar critérios para analisar a fulcralidade da proposição “Eu sou uma mulher”. Perceber que o sujeito *mulher* não se enquadra mais em um projeto determinado de gênero, e que a feminilidade engloba outros espectros, como travestis, intersexuais e transgêneros, é compreender que a “*mulher* é um termo em processo, um devir, um construir de que não se pode dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Como uma prática discursiva contínua o termo está aberto a intervenções e ressignificações” (BUTLER, 2010, p. 59) (grifo da autora).

Nessa perspectiva, a possibilidade da sentença “Eu sou uma mulher” ser uma *hinge* cimeta toda a teoria queer e de gênero. Nessa perspectiva, a provável imutabilidade desse sujeito dificulta as mudanças e revoluções sociais, culturais, políticas e econômicas. Com isso, as consequências não seriam apenas para essas áreas, mas também para o campo epistêmico.

A seção §92, da obra *Da Certeza*, em que Wittgenstein põe em conflito duas pessoas com visões de mundo diferentes, Moore e o rei, ilustra a dificuldade que a proposição “Eu sou uma mulher” tem em ser uma *hinge*. Nesta passagem, o rei teria a crença de que o mundo começou com ele, ao passo que Moore tentaria mostrar que o mundo já existia antes do rei. Com isso, tendo cada um a sua convicção, seria possível um conseguir mudar a crença do outro? Conseguiria Moore mostrar que a sua crença é a certa?

Transformando essa passagem para um exemplo prático deste estudo, um indivíduo biologicamente *macho* profere a crença “Eu sou uma mulher”, ao passo que, do outro lado, uma pessoa biologicamente *fêmea* afirma “Eu não sou uma mulher”. Por mais que fosse possível explicar que ambas estariam equivocadas em sua identificação, o desacordo entre elas não teria solução, porque cada uma defenderia

sua crença básica.

Esse exemplo serve para demonstrar que os conceitos de sexo e gênero são usualmente confundidos e equiparados. Ademais, reforça que as discussões levantadas pela filosofia social precisam inquietar outras áreas filosóficas, buscando relações extra muro.

De fato, um indivíduo biologicamente macho pode dizer que é mulher, uma vez que as expansões de gênero abarcam as pessoas trans e travestis. Negá-las e impedi-las de sua identidade é simplesmente impossível. A pessoa não deixará de ser mulher apenas por ter um órgão reprodutor masculino.

Nesse ínterim, esse exemplo mostra as diversas categorias existentes dentro do gênero e da sexualidade. O argumento de cada um dos dois pode se sustentar, porque psicológica e socialmente pelo menos um deles ou os dois estariam certos. O indivíduo biologicamente macho pode inferir que é mulher, ao passo que a pessoa biologicamente fêmea pode não se entender enquanto mulher. A singularidade do ser humano, em especial, da mulher, objeto de nosso estudo, reforça como revisar uma proposição de caráter social, cultural e histórico transpõe a epistemologia.

Desse modo, indo de encontro com o analisado na subseção anterior, é preciso, mesmo que brevemente, examinar as características necessárias de uma *hinge*, aplicando-as na proposição “eu sou uma mulher”. Isto posto, a sentença em análise pode ser considerada *não epistêmica*, uma vez que, sumariamente, ela se apresenta como dobradiça (ponto fixo) responsável por mover a porta, ou seja, como crença básica capaz de moldar a funcionalidade dos elementos ao nosso redor e a nossa “imagem de mundo”.

Essa assertiva assim se firma, pois, é inviável imaginar o que estaria em substituição à proposição “eu sou mulher” na armação da nossa estrutura de conhecimento. Ora, se “eu sou uma mulher” não é uma crença básica que estrutura nossos saberes, o que seria capaz de suprir tal crença com a finalidade de manter a fundação epistêmica estruturada?

Isso nos faz refletir que, de fato, não se é possível colocar em dúvida que uma pessoa não é mulher. Partindo do pressuposto de que ser mulher é definido, primeiramente, de forma subjetiva, antes mesmo da performatividade do feminino, temos como consequência o fato de que não é possível duvidar de que alguém é mulher. Com isso, a segunda característica também é abrangida pela proposição.

No entanto, essa característica também pode encontrar certos impasses: se eu

não posso duvidar de que sou mulher, como a *mulher* pode ser considerada uma construção histórica, social e cultural? Ao Beauvoir (p. 9, 1970) nos brindar com a célebre frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, percebemos o caráter não essencialista do sujeito *mulher*, que Wittgenstein também contemporiza. Isso nos aproxima da ideia de que o sujeito *mulher* histórico, social e culturalmente pode ser colocado em dúvida, por estar em constante construção.

Passando para a terceira característica, a sentença “eu sou uma mulher” pode ser considerada como *não empírica*. Assim como anteriormente disposto, ser mulher possui um caráter necessariamente subjetivista. Isto posto, uma pessoa que se denomina mulher é *mulher* antes mesmo da experiência. Ou seja, antes mesmo de se vestir, portar, experienciar e ser reconhecida por outrem como mulher.

A quarta característica nos propicia enxergar a proposição “eu sou uma mulher” enquanto regra de gramática. Isto porque a sentença nos *permite* pensar, falar ou agir significativamente em torno dessa crença. Seguindo nossa análise, na quinta e na sexta característica encontramos alguns obstáculos, visto que a proposição “eu sou uma mulher” pode ser revisada, bem como ser capaz de ser explicada, descrita e/ou proferida com palavras. Assim, isso vai contra a *não proposicionalidade* e a *inefabilidade* das *hinges*.

Tais impasses, sob o ponto de vista da Moyal-Sharrock, já impossibilita a proposição “eu sou uma mulher” ser uma *hinge*, pois todas as características precisam necessariamente estar presentes em uma crença básica. Em um exame mais acurado, poderemos trazer posições divergentes da filósofa, que oportunizarão oferecer uma nova visão sobre os requisitos de uma certeza fulcral.

Seguindo adiante, teremos a característica *exibidas na ação*, que pode ser observada na sentença analisada. De fato, ser uma mulher é mostrado através de ações, desde as mais simples e instintivas às mais complexas, porque não podemos deixar de sermos aquilo que nos reconhecemos como tal. Não conseguimos, no desenrolar de nossas ações, deixarmos de ser mulher ou homem, pois isto faz parte de nossa construção identitária.

Por fim, é possível perceber um certo caráter fundacional em ser *mulher*, visto que, como já referido, é preciso termos a crença básica do que somos, para *armar* a construção de nosso conhecimento. Ou seja, é preciso ter uma certeza fixa para, a partir dela, moldar a funcionalidade dos elementos ao nosso redor e a nossa “imagem de mundo”.

No mais, é possível observar que nesta curta análise pautamos o sujeito *mulher* a partir de uma visão subjetivista, suprimindo, em partes, o seu papel em construção sob um viés histórico, social e cultural. Em um estudo mais avançado poderemos considerar todos esses espectros que são de suma importância para uma pesquisa mais apurada.

Para mais, importante se faz elucidar, mais uma vez, que esse estudo, por ser breve, deteve-se apenas a analisar as características necessárias de uma certeza fulcral sob o crivo de Moyal-Sharrock. Oportunamente, em trabalhos futuros, será possível fazer um novo exame tecendo críticas consideráveis a algumas características que apresentam certa radicalização, como a *inefabilidade*, a *não proposicionalidade* e a *indubitabilidade*.

Se “eu sou uma mulher” já foi uma certeza fulcral, e que de fato pode ter sido, por ser coadunável com as características de *hinge* em certo tempo da história da humanidade, tal proposição pode não possuir mais, a grosso modo, característica de dobradiça. Isso nos permite refletir que as proposições-dobradiças, por mais indubitáveis, inefáveis e fundacionais que possam ser, não estão a salvo das mudanças para além dos campos lógico e epistêmico.

3 CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, esse curto ensaio não nos permite esmiuçar e fazer um comparativo mais rigoroso das características necessárias de uma *hinge* com a proposição “eu sou uma mulher”. Diante disso, será necessário a sua continuação em momento oportuno.

Contudo, de momento, acreditamos que a proposição “eu sou uma mulher” não possui o caráter de uma *hinge*, visto que o conceito de *mulher* não é permanente, sendo incapaz de incorrer nas funcionalidades das coisas. Por ser uma hipótese, será necessária uma análise mais pormenorizada sobre os critérios de uma *hinge*, apresentados pela Moyal-Sharrock, em conjunto com o estudo de outros pesquisadores wittgensteinianos.

Por fim, resta importante ressaltar que não excluimos totalmente a possibilidade da proposição “eu sou uma mulher” ser ou já ter sido uma certeza fulcral. No entanto, sabemos que o sujeito *mulher* tem sofrido inúmeras mudanças e transformações para além da teoria, sendo incapaz de traçar nesta breve pesquisa

uma resposta final.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo I: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo II: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler**. São Paulo: Revista Criação & Crítica, n. 20, 2018.

JAGGAR, A. M.; BORDO, S. R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.

LOBO, C. R. C. de L. **Mulher inessencial, mas mulher: Feminismo, Wittgenstein e o problema da diferença**. Lisboa: Universidade Nva de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Dissertação de Mestrado em Filosofia Política, 2019.

MOORE, G. E. A Defense of Common Sense. *In: Philosophical Papers*. London: George Allen & Unwin Publishers, 1959a.

MOORE, G. E. Proof of an External World. *In: Philosophical Papers*. London: George Allen & Unwin Publishers, 1959b.

MOYAL-SHARROCK, D. **A Certeza Fulcral de Wittgenstein**. Tradução Janyne Satter. Pelotas: Dissertatio, v. sup., p. 3-30, 2015.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Bighelini de. **Ensino de Filosofia: a escola como espaço de (des)construção de gênero**. Florianópolis: X ANPED SUL, p. 1-12, 2014.

OLIVEIRA, A. V. de; NORONHA, Joanna Vieira. **Afinal, o que é “mulher”? E quem foi que disse?**. Rio de Janeiro: Revista Direito & Práxis, vol. 07, n. 15, 2016, p. 741-776.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da Certeza**. Lisboa: Ed. Edições 70, 2011.

APÊNDICE A – O APAGAMENTO DAS MULHERES NO ENSINO DE FILOSOFIA

Ainda é raro no ensino da Filosofia, seja na academia, seja nas escolas de ensino básico, encontrarmos nos cânones o estudo de filósofas. Não que elas não existam, mas são rotineiramente esquecidas, suprimidas e/ou ignoradas pelo ensino.

A contemporaneidade veio à Filosofia e demais ciências escancarar que, de fato, existem e sempre existiram mulheres filosofando e pesquisando sobre si, o mundo e o cosmos. Apenas nunca foram dadas a elas o espaço para serem ouvidas.

Para mais, é possível observar que a própria tradição desenvolveu esse plano de apagamento das mulheres através do tempo. Utilizando instrumentos de dominação, como a religião, os pensadores conseguiram reprimir as mulheres por muitos séculos.

Isto posto, o surgimento dos movimentos feministas, dentre tantas pautas, também tem ocupado em se inquietar com esse modelo canônico. Com isso, tem sido cada vez mais necessário investigar o ensino de Filosofia a partir de uma perspectiva de gênero.

Nesse ínterim, “o gênero, como produção discursiva, não descreve apenas construções sobre corpos materiais, naturais e preexistentes, ele provoca a ideia de que os corpos também são produtos do discurso” (OLIVEIRA, p. 8, 2014). Com isso, percebemos que a tradição filosófica sempre se ocupou em silenciar a mulher.

Eram os homens que determinavam tanto as definições de público (masculino, racional, contratual, político) e privado (feminino, emotivo, altruísta, fora da política), quanto as próprias regras para participar na esfera pública que criava tais definições, de modo a criar não só a exclusão as mulheres do próprio debate acerca de qual seria seu papel na sociedade mas também impossibilitá-las de mudar tal exclusão: o ato de poder exclui ao mesmo tempo em que esconde essa exclusão. (OLIVEIRA; NORONHA, p. 765, 2016) (grifos meus)

Trazendo esse apagamento da mulher para o estudo que se ocupa o artigo, observamos como ainda estamos no início desse processo de inserção da mulher nos espaços sociais, políticos e filosóficos. O que reforça ainda mais essa visão é notarmos como as atuais mudanças no currículo escolar do ensino básico do Brasil perpetuou essa omissão.

De fato, nenhuma filósofa é ativamente estudada nas escolas de ensino básico. Os materiais didáticos também não trazem nenhuma inclusão expressiva de mulheres na Filosofia. Em uma análise ainda mais preocupante, os centros acadêmicos responsáveis por formar novos professores também não ofertam nenhuma mulher

fora da tradição filosófica. São séculos estudando homens, com visões masculinas e patriarcais sobre a sociedade e o mundo.

Esta breve análise serve para refletir que tipo de educação queremos desenvolver pelos próximos anos, bem como mostrar o quanto tem sido fundamental inserir em nossas pesquisas a teoria de filósofas e o estudo sobre o gênero.

Precisamos agitar as bases canônicas e tradicionais da Filosofia, buscando mudanças em sua estrutura, desde a formação de professores na academia até a formação de cidadãos nas escolas de ensino básico de todo o país, para mostrar que sim, existem mulheres que pesquisam, existem mulheres que filosofam.

AGRADECIMENTOS

Não estaria aqui sem o apoio e a *crença* daqueles que sempre estão ao meu lado: meus pais, meus irmãos, minha avó, minha tia, minhas primas, meus amigos, meus colegas de faculdade, meus professores, em especial, meu orientador.

Agradeço a cada um de vocês que esteve junto comigo, até àqueles que surgiram apenas para tirar algum riso meu. As próximas linhas quero utilizar para agradecer ao professor Marcos Silva, por ter visto algo em mim quando eu mesma não via, pelas inúmeras oportunidades e acolhimento dados e por ter feito eu me apaixonar por analítica e Wittgenstein. Obrigada!

Há uma luz que nunca se apaga.